

I

UM POUCO DA HISTÓRIA, UM POUCO DAS MEMÓRIAS...

Egeslaine de Nez (UFRGS)

Resumo - onde se tenta dizer em poucas palavras o que nem um *paper*, nem um artigo para uma revista, nem um livro inteiro poderiam dizer, mas tentei aqui!!!

Descrever fatos ocorridos em uma vida não é uma tarefa fácil. Porém, em alguns momentos, surge a necessidade de isso acontecer, principalmente quando nosso “pai acadêmico” deixa histórias a serem contadas. Isso acaba ocorrendo, quando se ilustram reflexões turvadas por olhos banhados em lágrimas, tempos depois do luto da ausência que nos causou.

Peço licença aos leitores desse livro, para fazer esta escrita emocionada na primeira pessoa, justamente pela história pessoal que entrelaça esse texto. Santaella (1983) expressa exatamente o sentido desta apresentação: “As palavras vivem nas mentes daqueles que as usam. Mesmo que eles estejam todos dormindo, elas vivem nas suas memórias” (p. 68).

A história particular de cada um de nós se entretetece numa história mais envolvente da coletividade de uma cidade ou de uma região. Essa história sofre marcas das trocas realizadas com outras pessoas ou situações culturais vividas, assim, expressar o que cada momento significou, as contribuições ou perdas que representou, é fundamental para a compreensão da vida ao longo dos anos.

Nesse cenário, início este ensaio resgatando a memória, princípio norteador que delineou a finalidade deste livro. É uma honra e um grande compromisso escrever esse texto e eu me permito ter o direito de fazer essa apresentação “*in memoriam*” justamente pela (con)vivência com o personagem principal. Na década de noventa, iniciei o curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Cascavel. Foi quando conheci um professor já doutor nesta instituição, com grande bagagem teórica-política que fez a diferença na minha formação inicial e continuada.

Aqui começa a tessitura de nossos encontros. A tessitura é uma palavra de origem italiana, substantivo feminino, tem como sinônimos: composição e organização. Já a palavra nexo significa ligação, vínculo, conexão, coerência (Houaiss e Villar, 2009). O processo de tecer que significa entrelaçar os fios de uma trama, para fazer um tecido, que se prolonga no tempo, sendo considerado “artesanal”.

Deste tempo vivido na Unioeste/Campus Cascavel, vem o primeiro relato como expõe Marques (2006) de uma conversa com os interlocutores, sejam eles invisíveis, imprevisíveis, mas presentes no processo e o contato com esses e suas reflexões. Falar e ser ouvido, ouvir e falar. Falar, ouvir e registrar memórias. Esses fragmentos constitutivos deste ensaio foram escritos por ex-orientandos e parceiros que compuseram a rede profissional do investigador em tela. Trazem, então, experiências vivenciadas por estes em sua trajetória nas últimas décadas.

A colega Francis Mary Guimarães Nogueira intitula sua contribuição da seguinte forma: “Bosco: um companheiro na luta pela conquista da pedagogia do campo na UNIOESTE” e carinhosamente escreve: *“Agradeço o convite para lembrar a atuação e o legado do Antônio Bosco de Lima quando de sua passagem de anos pela Unioeste. Advirto aos leitores, que pela primeira vez me desafio a escrever um texto baseado nas minhas lembranças e me socorro de alguns colegas, para a precisão de algumas datas. Ainda me lembro de quando Bosco e Edaguimar prestaram e passaram no Concurso para ingressar na Pedagogia da Unioeste-Cascavel. Naquele ano, (pelo que relembro) a Pedagogia do Campo não estava ainda no nosso horizonte. Passo então, a expor sobre a contribuição significativa e valiosa do Bosco (assim era como o chamávamos no dia a dia) no processo de criação e implementação da Pedagogia do Campo, no segundo semestre de 2004, na Unioeste, no Campus de Francisco Beltrão. Destaco inicialmente uma parte da história que foi apagada. Era 6 de março de 2002, e acontecia a Assembléia do Sinteoste, para pôr fim à greve dos seis meses. Aquela greve, única, na história das Universidades Estaduais do Paraná teve apoio significativo de Movimentos Sociais. Diante dessa constatação foi aprovada na Assembléia do Sinteoste (Sindicato, que junto com os sindicatos da UEM e da UEL, coordenou e foi também protagonista daquele movimento de greve), em uma das propostas, que a Unioeste deveria ‘estabelecer vínculos’, mediante projeto/s entre Universidade e os Movimentos Sociais. Bosco, Maria Lucia e quem lhe escreve, como membros da Diretoria desse Sindicato definimos que essa interlocução seria com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Lembro, que anteriormente as decisões da Assembléia do Sinteoste, em 2002, a Pró-Reitoria de Extensão e o Curso de Pedagogia (entre outros cursos) vinham discutindo com a organização popular ‘Articulação Paranaense para a Educação do Campo’, um Curso voltado para o MST e outros Movimentos que lutam pelo direito à terra. Mais uma vez, se me recordo bem, se avaliava uma proposta sobre a forma de Ensino a Distância (EAD). Com o diálogo entre a Universidade e as Organizações em andamento, Bosco, juntamente comigo, representando o Curso de Pedagogia de Cascavel, estivemos em uma reunião específica, realizada em 11 de setembro de 2001 (data, que marcaria a avassaladora luta do Império Estadunidense contra ‘todos os terroristas mulçumanos’). Lá, argumentamos em favor da formação presencial, que possibilitaria para os estudantes daquelas organizações dos sem-terra, a tão reverberada e perseguida qualidade de ensino em nível de graduação. Resultado, rechaçamos a proposta de EAD, e com o começo da greve em 17 de setembro 2001, se houve outras reuniões, não tivemos conhecimento. Assim, nos coube a tarefa, como representantes do Sinteoste, logo após a greve ser encerrada, em 2002, iniciamos com todos esses Movimentos, a proposta de um Curso Presencial, e não tínhamos ideia, de como seria longo esse processo de criação e consolidação do Curso de Pedagogia do Campo da Unioeste, que marcaria a nossa história acadêmica e nossas vidas. Ainda em 2002 passamos a coordenar uma outra e nova discussão - com a presença de interlocutores de Movimentos Sociais, com a Pró-reitoria de Extensão, com outros professores interessados, e com representantes do Setor Estadual de Educação do MST - sobre como a Unioeste e esses Movimentos poderiam, em conjunto, projetar e formular um curso que estivesse dentro dos parâmetros e das perspectivas e expectativas deles, e por outro lado, mas ao mesmo tempo, contemplasse nossa ideia sobre um curso presencial. Idealizamos professores que fossem ‘simpáticos’ aos Movimentos Sociais, apoiadores dessa causa justa, e enfim, de esquerda, que se identificassem com a luta sem trégua desses Movimentos, contra o capital dos grandes latifúndios, pelo direito a terra e de quem nela trabalha, mas, não foi bem assim. Sabíamos, em tese, da presença de muitos professores conservadores, reacionários e avessos a ideia de ‘invasão de terras’, pelo MST. Também nos aproximamos de colegas que já sabíamos de sua posição crítica em relação ao bloco no poder do Estado brasileiro, explicitamente contra a Reforma Agrária, nos enfrentamentos, na década de 1990, na esfera federal e no estado do Paraná. Esse processo de discussão, de acordo com que as reuniões foram acontecendo, ainda em 2002 e no ano de 2003, - sempre aos sábados, e periodicamente espaçadas -*

foi ficando cada vez mais sem os interlocutores de outros Movimentos, como a Pró-Reitoria de Extensão, somente permanecendo os representantes do Movimento dos Assentados de Barragem (MAB) e do MST, que participaram até a culminância da criação do Curso. Nada foi fácil, simples e sempre amigável entre nós e particularmente com alguns integrantes do MST. A ideia que estava presente na percepção deste Movimento, a visão de que na Universidade pública os professores eram de direita, conservadores e consequentemente não estavam comprometidos com causas deles, sendo o direito à educação nas Universidades Públicas para os trabalhadores do campo. Em razão dessa situação houve algumas reuniões com diálogos ásperos e os conflitos sobre distintas ideias sempre presentes, como quanto à denominação do Curso, que defendiam ser Pedagogia da Terra. Fomos aos poucos nos reconhecendo como sujeitos históricos diferentes, e identificando nossas contradições internas e na União, e ao mesmo tempo captávamos nesse processo a dinâmica e a práxis (tal como define Marx) do MST. E fomos apreendendo que o MST como qualquer Movimento enraizado na realidade dura e penosa de trabalhadores heterogêneos, em situações de vida e escolaridade muito diferentes, estava ‘preenche’ de contradições. Não é demais lembrar que em outubro de 2002, Lula havia ganhado as eleições no segundo turno. A conjuntura política indicava algumas tendências e muitos caminhos para esse governo que se elegeu com o voto dos pobres, dos movimentos sociais, parte restrita da chamada classe média, e de certa forma, com parte dos industriais e dos banqueiros nacionais, lembrando a Carta aos Brasileiros assinada por Lula e amplamente divulgada. No caminho das discussões chegamos a um acordo que o Curso de Graduação seria de Pedagogia e posteriormente foi consensuado de ser Pedagogia do Campo. Muitas perguntas emergiram nesse contexto. Quais seriam as disciplinas alocadas na grade curricular? Como organizar a seriação? Qual seria a carga horária? Em que Campus seria ofertado o Curso? Como seria o formato presencial? Todas essas perguntas foram respondidas aos poucos nas reuniões. Com a reivindicação do MST, decidimos que teria de ser hora Escola, e hora Comunidade, de forma alternada, pois a LDB 9394/1966 garantia legalidade, e os estudantes poderiam retornar aos acampamentos e assentamentos, continuando seus diversos tipos de trabalho. A primeira e a segunda pergunta couberam ao Bosco e a Maria Lucia apresentar uma proposta de currículo. Trabalho árduo, difícil e que dispendeu muito tempo. Não era trabalho para amadores, e Bosco estava qualificado, pois pesquisava sobre a Organização do Trabalho Pedagógico e a crítica da Gestão Pedagógica centralizadora, participando ativamente nesse processo, incorporando as disciplinas homólogas das suas pesquisas. Foram também incorporadas às disciplinas propostas pelo MST, e a disciplina de Educação e Saúde por Maria Lucia. Resulta desse movimento uma grade curricular completa que foi inicialmente aprovada no grupo de discussão por todos os componentes. E posteriormente, nos colegiados do Curso de Pedagogia, no Centro de Educação, Comunicação e Artes, no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e por último no Conselho Universitário. Responder em que Campus o Curso de Pedagogia do Campo seria ministrado foi de difícil elaboração para nós do Campus de Cascavel, em aceitar que não tínhamos condições de infraestrutura física para prover refeições, alojamento / dormitório. A alternativa possível foi o Campus de Francisco Beltrão, mas na sede da Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASSESSOAR). O Curso, depois de todas as idas e vindas burocráticas e políticas, começou em 4 de agosto de 2004. O trabalho de persistência e compromisso político do Bosco permaneceu na disciplina ministrada por ele. Com avanços e reveses, próprios da luta do MST, e dos limites institucionais, a primeira colação de grau ocorreu no início do ano de 2009 (não me lembro bem o ano). Uma festa popular pela primeira vez no interior da União, dos estudantes do MST e de todos os outros estudantes dos Movimentos que compuseram a turma da Pedagogia do Campo, denominada por eles ‘Antonio Gramsci’. Nessa homenagem, arrogo-me o direito ao relatar – pequena parte dessa história – e, em nome de todos os professores que deram sua parcela significativa de disposição pessoal e de contribuição teórica, ao

ministrarem as aulas em Francisco Beltrão. Celebramos a vida e agradecemos profundamente a intensa participação do companheiro de luta política e acadêmica, Antonio Bosco de Lima!”

Voltando a minha história pessoal, no início dos anos 2000 passei na seleção para o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), minha dissertação intitulou-se “Um balanço do Programa Nacional Bolsa Escola (2001-2003): programa assistencial ou política educacional?” e contou com a coorientação do Prof. Dr. Antonio Bosco de Lima. Em 2010, logrei êxito no Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A tese: “Em busca da consolidação da pesquisa e da pós-graduação numa universidade estadual: a construção de redes de pesquisa” teve como membro da banca o referido professor aqui homenageado, que nesse momento, consegue avaliar todo o processo de minha formação enquanto pesquisadora.

Utilizando-me da licença poética concedida para esse momento, trago para reflexão Doederlein (2021), escritor nascido em Brasília, que define num dos seus poemas a palavra parceria, dizendo que é: “[...] um par de estrelas que sozinhas fazem sentido e juntas fazem o universo”. Isso significa dizer que esse substantivo feminino oferece a compreensão de “[...] energizar quem te dá energia, é uma eterna torcida sem intervalos entre dois que acreditam [...]” (p. 119).

E parceiros, o Bosco teve muitos em vários lugares do Brasil, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), além de colegas de trabalho fez amigos, o casal Fabiane Santana Previtali e Cilson César Fagiani consegue representar as amizades quando diz: *“Foi com muita alegria que recebi o convite para falar do Bosco. Fico aqui imaginando a cara dele: primeiro aquele riso meio torto de quem era avesso a essas formalidades e, logo em seguida, a boca se abrindo num sorriso largo!! Esse era o Bosco que conheci por volta de 2008 no programa de pós-graduação em educação da UFU e que se tornou meu amigo. Um amigo muito querido de conversas amistosas e muito calorosas, de muitas convergências e algumas divergências. Como amigos verdadeiros, tudo com muita firmeza, muito carinho e grande respeito. Bosco, meu querido amigo, você faz muito falta nesses dias ainda muito difíceis. Abraço grande e como vc sempre dizia: fique bem!”* Cilson, professor da Uniube também destaca que: *“Antônio Bosco de Lima. Bosco professor, Bosco poeta, Bosco amigo: autêntico intelectual de esquerda, marrento como não podia deixar de ser, todos somos, de opinião e de história, de muitas histórias marcadas pela opção em defesa dos mais pobres, dos explorados, dos trabalhadores, seja na academia seja na literatura. Amigo de casa, de mesa, do churrasco, do cafezinho e claro da ‘marvada’ pinguinha, haaaaa e como era bom, quantas risadas de perder o fôlego. Nos deixou de repente sem que pudéssemos fazer nada, nada, fico com a lembrança dos ensinamentos, risadas e do abraço amigo”.*

Mais do que nunca são verdadeiras e prementes as palavras de Le Goff (1994, p. 476): “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. A memória de uma cachaça (Claudionor), de um torresmo, de um abraço e de um sorriso permearam a vida de quem esteve ao lado do Bosco.

Wander Luís Matias, colega de trabalho da UFU o define como companheiro e com *expertise*. Neste contexto de homenagens, destaca que: *“Sou mestre em educação FAGED-UFU e tenho conseguido fazer a leitura das entrelinhas, repensando processos e procedimentos. Em breve ingressarei no Doutorado, tenho me preparado para isso. Sou Técnico Administrativo na UFU. Bosco em nossos encontros de orientação e mesmo nos trabalhos de extensão repetia sempre dizendo pra mim: “ele*

ainda acha que é o salvador da pátria." Demorei um tempo para compreender que há inúmeros fatores nacionais e internacionais, políticas públicas, planos de governo e planos de Estado e interesses diversos envolvidos. E que para ser implementada uma política haveria conseqüentemente desdobramentos, e que somente o assumir, o aprofundamento no saber nos possibilitaria, primeiro compreender, e depois agir sobre essas forças, minimizando seus efeitos. Ao mesmo passo que estamos sem um líder, recebemos dele instrumentos básicos de luta e resistência. E que não dá tempo de chorar as baixas, há muito por fazer e é preciso agir. Longe de paixões político partidárias pois, sempre existirá pontos positivos e negativos seja de um lado, quanto de outro. A crítica nos permite agir com razão, e a partir dela uma nova proposição. Ombro a ombro seguiremos".

Dos ex-orientandos, vêm as seguintes mensagens: *"A aproximação com o Prof. Bosco teve início em uma entrevista, malsucedida, no processo seletivo para o ingresso no mestrado, o ano era 2008. No ano seguinte, nos corredores da FAGED/UFU, pedi a ele para que pudesse frequentar suas aulas da pós-graduação como aluno ouvinte, sendo de imediato acolhido. Daí em diante a relação, inicialmente entre aluno e professor, deu lugar a uma relação de respeito e afinidades. Aprendi com o Prof. Bosco, no período subsequente de mais de uma década, que a concepção de mundo pode ser ampliada a partir da articulação entre método, teoria e pedagogia, a qual sabia exercitá-la coerentemente. A clareza didático-metodológica da qual era portador, manifestada na sua prática, fazia com que seus educandos sempre procurassem fugir do senso comum estabelecido, da espontaneidade, da pobreza das ações aparentemente cotidianas e da falta de tensionamentos no contexto da investigação socioeducacional. No meu caso, especialmente, a autonomia concedida na pesquisa foi fundamental para a descoberta enquanto pesquisador e, ao mesmo tempo, como professor. A coerência também brotava na sua poesia, diz Bosco em uma delas: Imaginem uma página em branco. Ela é bonita em seu vazio. Mas por um tempo... [...] A página pede palavras, gritos, desabaços, pede calor, pede denúncias, pede resistência, pede insubordinação. A página pede poesia. Diria ele, que a vida necessita ser preenchida, assim como uma página em branco, com palavras, com 'rabiscos', 'com desenhos', 'com beleza' e como possibilidade de transformação".* Essa belíssima contribuição de Jeovandir Campos do Prado ilustra o nosso querido poeta Bosco de Lima.

Outro relato de ex-orientando vem do Estado do Goiás, Guilherme Sousa Borges docente da área do Direito: *"Conheci o Bosco em meados de 2016, quando fui inserido no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre os Conselhos Municipais de Educação no Brasil por meu orientador do mestrado, Ari Raimann. E ao lembrar nossos primeiros encontros em meio às atividades do grupo, de imediato me recordo de seu humor ácido misturado à sua paciência ao orientar as atividades, sempre fazendo questão de incluir nos debates – e nas confraternizações – todos os pesquisadores e alunos (independente da titulação e/ou experiência). Tive o privilégio de tê-lo como avaliador em minha banca de defesa do mestrado, oportunidade em que pude perceber, de fato, a qualidade de seu trabalho analítico como um pesquisador, e sua capacidade de orientação teórica ao avaliar meu trabalho. Após a conclusão do mestrado, fui aprovado no doutorado como seu orientando, e passei a ter um contato mais próximo com suas produções, conselhos e orientações. Sempre pontual nas intervenções em meio à pesquisa, e preciso nas indicações de leitura para ampliação do repertório teórico, me deparei com a figura de uma pessoa que realmente se importava com a formação humana de seus orientandos, para além de qualquer exigência de produtividade. No atual contexto acadêmico de nosso país, é difícil encontrar uma pessoa ainda tão preocupada com o contato pessoal, concreto e humano, no cenário da formação educacional. Em tempos de avanço da comunicação digital, ele resistiu até quando pôde antes de se submeter às bancas/reuniões/eventos on-line. Em minha percepção, Bosco foi um verdadeiro professor formador, que dava mais importância ao formato de produção científica que teria maior engajamento junto ao seu público-alvo, do que ao formato*

mais bem avaliado pelos padrões da CAPES e CNPQ. Acredito que, até por isso, ele tenha feito questão de associar atividades extensionistas à sua práxis de pesquisa. Certamente, o Bosco foi imprescindível para minha formação, e para a de diversas outras pessoas, nos mostrando os caminhos para a construção do pensamento de forma crítica e contextualizada material e historicamente. Assim definiria a presença marcante de Antonio Bosco na vida de quem teve a honra de conviver com ele: um grande intelectual, um professor formador tanto no campo acadêmico como no âmbito socio-político-cultural”.

Este livro trata a memória como coisa viva, mostra que a história pode e deve ser contada a partir de pequenos momentos, aqueles que sacodem a alma da gente sem a grandiloquência dos heroísmos de gelo, mas com a grandeza da vida.

Fátima Almeida Baraúna, professora na rede municipal de educação da cidade de Rio Verde/Goiás e membro do Núcleo de Formação de Professores e Prática Educativas (NUFOPE), cursou o Mestrado em Educação na Universidade Federal de Goiás- Regional de Jataí em 2019. Durante o processo de investigação buscou respaldo nas concepções defendidas por Bosco a respeito da gestão democrática no espaço educacional, especialmente no interior escolar. Ela nos conta que *“Ao participar do projeto, tive a honra de conhecer o saudoso professor Antonio Bosco Lima, cujo legado eternizado em suas obras acerca da democracia, nos aponta que a gestão democrática no espaço escolar possibilita a qualidade Socialmente referenciada de ensino. Para mim, duas palavras definem professor Bosco: resistência e luta!”*

Nos passos do nosso amado mestre Bosco que era um poeta, me aproprio de um excerto de Galeano (2020) para dizer que: “As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem. Os poetas abriam os frascos, provavam palavras com o dedo e então lambiam os lábios ou fechavam a cara. Os poetas andavam em busca de palavras que não conheciam, e buscavam palavras que conheciam e tinham perdido. Na casa das palavras havia uma mesa das cores. Em grandes travessas as cores eram oferecidas e cada poeta se servia da cor que estava precisando: amarelo-limão ou amarelo-sol, azul do mar ou de fumaça, vermelho-lacre, vermelho-sangue, vermelho vinho...” (p. 19). De certo modo, isso representa um pouco o sentimento e amor pela vida que ele tinha.

Termino esse texto, carinhosamente sugerindo que somos arquitetos de nossa própria estrada e seremos reconhecidos pela influência que projetamos naqueles que nos cercam. Utilizo-me de Saramago (1995) com suas belíssimas reflexões: “Somos as memórias que temos e as responsabilidades que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade, talvez, não mereçamos existir” (p. 63).

Boa leitura a todos os nossos parceiros, colegas, amigos, docentes e discentes das mais variadas instituições que ajudaram a construir essa homenagem. A apresentação deste livro cresceu tanto dentro de mim que agora é outra, agora é de todos nós!!!

Referências

DOEDERLEIN, J. **Para ressignificar um grande amor**. São Paulo: Paralela, 2021.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2020.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LE GOFF, J. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Unicamp, 2013.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ujuí: Unijuí, 2006.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SARAMAGO, J. **Cadernos de Lanzarote**: diário II. Lisboa: Caminho, 1995.